

**Jornal Negócios**

27-08-2019

Periodicidade: Diário**Classe:** Economia/Negócios**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 12747**Temática:** Banca/Seguros**Dimensão:** 2423 cm²**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/14/15

Caixa Brasil está exposta a empresas da Lava Jato

A CGD mantém o silêncio sobre o impacto que esta situação poderá ter nas ofertas de compra do banco que vier a receber. Paulo Macedo quer fechar a venda até final do ano.

EMPRESAS 14 e 15

BANCA

Caixa Brasil exposta a empresas da Lava Jato

A Caixa mantém-se em silêncio sobre qual o impacto que esta exposição poderá ter sobre as ofertas que vier a receber pela operação no Brasil, que pretende vender até ao fim deste ano.

RAFAELA BURD RELVAS
rafaelarelv@s@negocios.pt

O Banco Caixa Geral (BCG) Brasil, instituição que a Caixa Geral de Depósitos (CGD) detém naquele país e que espera vender até ao final deste ano, está exposto a empresas envolvidas na Lava Jato, a investigação ao maior caso de corrupção já detetado no Brasil. A Caixa mantém-se em silêncio e não esclarece qual o impacto que esta exposição poderá ter sobre as ofertas que vier a receber pelo banco, numa altura em que já estão selecionados os interessados que podem apresentar propostas vinculativas.

A informação consta do relatório de gestão e contas da CGD relativo ao exercício de 2018, no capítulo dedicado a incidentes de corrupção. “No BCG Brasil, não há registo de incidentes internos relativos à corrupção”, começa por referir o relatório. Mas ressalva: “Em relação a operações, destaca-se que o BCG Brasil possui em carteira de clientes empresas listadas em medidas no contexto da Lava Jato (uma das maiores investigações da Polícia Federal brasileira para apurar crimes financeiros praticados por políticos, empresas públicas e privadas, especialmente a Petrobras).”

O banco da Caixa no Brasil já está a tomar medidas, aponta ainda o relatório. “O BCG informa que tomou as medidas necessárias em relação às empresas que constavam na base de clientes, diminuindo a sua exposição de crédito, quando aplicável, encerrando

“

Em relação a operações, destaca-se que o BCG possui em carteira de clientes empresas listadas em medidas no contexto da Lava Jato.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Relatório e contas de 2018

relacionamentos e incluindo as empresas remanescentes em ‘watch list’ de ‘compliance’ [lista de controlo de cumprimento], com acompanhamento aproximado das operações residuais”.

O Negócios questionou a CGD sobre qual a exposição total a estas empresas e se essa exposição poderá condicionar as ofertas que o banco público venha a receber pela operação no Brasil, mas não obteve respostas até ao fecho desta edição.

Além da petrolífera estatal brasileira Petrobras, no centro da operação Lava Jato, a maioria das empresas envolvidas na investigação é do setor da construção. Entre elas, estão grandes grupos, como a Odebrecht, OAS, Camargo Corrêa ou Andrade Gutierrez. Não são conhecidas, contudo, as empresas a quem o BCG Brasil está exposto, nem o valor total desta exposição. No ano passado, o BCG Brasil tinha constituído 58,3 milhões de reais (cerca de 12,6 milhões de euros) em provisões para crédito de cobrança duvidosa, acima dos 33,4 milhões de

reais registados no ano anterior.

Venda até ao fim do ano

Depois de ter sido atrasado pela instabilidade política que o Brasil atravessou, o processo de venda do BCG deu novos passos na semana passada, quando o Governo anunciou que já estão selecionados os potenciais compradores. “Foi aprovada a resolução que seleciona os potenciais investidores admitidos a participar na fase subsequente do processo de alienação das ações detidas direta ou indiretamente pela CGD no capital social do BCG Brasil”, indicava o comunicado emitido pelo Conselho de Ministros a 22 de agosto.

Só após a publicação desta resolução em Diário da República é que os interessados serão identificados. Para já, a CGD diz apenas que espera começar a receber propostas a partir do quarto trimestre deste ano. Entre os interessados, segundo adiantaram já o Expresso e o Eco, estão o Banco Luso Brasileiro, no qual o Grupo Amorim detém uma participação de 43%, bem como o fundo de investimento brasileiro Artesia e o Banco ABC Brasil, detido pelo grupo árabe Bank ABC. Este último também chegou a estar envolvido na Lava Jato, tendo sido alvo de investigações por suspeitas de lavagem de dinheiro, mas acabou por não ser acusado.

A Caixa espera fechar esta venda, uma das condições para que o plano de recapitalização fosse aprovado por Bruxelas, até ao final deste ano. Além do BCG Brasil, quer vender o Banco Comercial do Atlântico, de Cabo Verde, e a sucursal do Luxemburgo, ambos também até ao final deste ano. Quanto às operações de Espanha e África do Sul, o banco público aguarda apenas a autorização dos reguladores para fechar estas vendas. ■

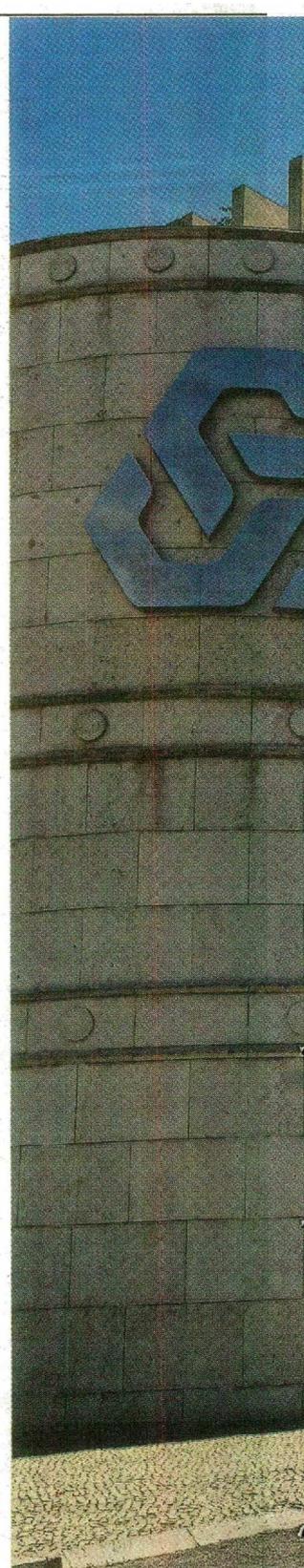
“

O BCG diminuiu a sua exposição de crédito, encerrou relacionamentos e incluiu as empresas remanescentes em ‘watch list’ de ‘compliance’.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Relatório e contas de 2018

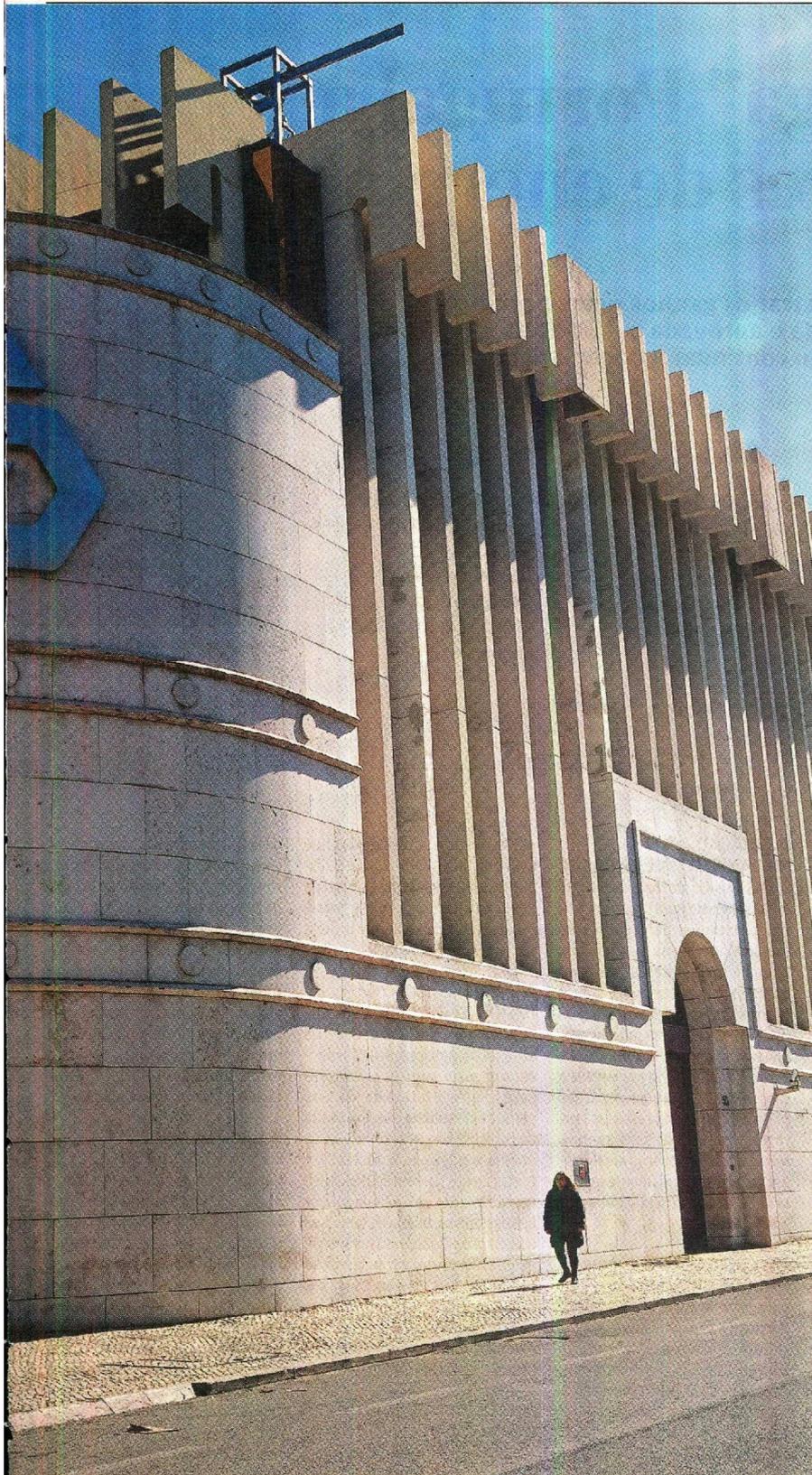
Lucros podem ser revistos em alta

As vendas do espanhol Banco Caixa Geral ao Abanca e do sul-africano Mercantile Bank ao Capitec Bank podem levar a uma revisão dos lucros semestrais da Caixa Geral de Depósitos (CGD). Ambas as operações estão já “pendentes de aprovação” por parte dos reguladores e, caso sejam aprovadas até ao final de setembro, altura em que são publicadas as contas auditadas do banco público, o resultado líquido do primeiro semestre deverá ser revisto em mais 157 milhões de euros, impacto estimado destas vendas, segundo consta do relatório semestral da Caixa. Os lucros do primeiro semestre deste ano passarão, assim, de 282,5 milhões para 439,5 milhões. Outro processo a avançar é o da venda do cabo-verdiano Banco Comercial do Atlântico, também acordada com a Comissão Europeia, depois de, na semana passada, o Governo ter aprovado esta alienação.



A Caixa espera vender a operação no Bra

Miguel Baltazar



sil até ao final deste ano. Para já, está à espera de receber propostas vinculativas.

Grandes bancos suspeitos de lavagem escapam a acusações

As autoridades brasileiras terão chegado a acordos com os maiores bancos suspeitos de lavagem de dinheiro, avançando contra bancos mais pequenos.

As investigações da Lava Jato arrancaram em 2014 e já levaram à detenção de empresários e políticos, incluindo o antigo Presidente Lula da Silva. A banca, por seu lado, tem escapado a condenações. A investigação jornalística Vaza Jato revela que a estratégia das autoridades é chegar a acordos com os grandes bancos.

Em 2016, a imprensa brasileira noticiava a primeira grande investigação à banca. Em causa, o papel de 13 bancos, entre eles o ABC Brasil (segundo o Eco, um dos interessados na operação da Caixa Geral de Depósitos no Brasil), em crimes financeiros relacionados com contratos celebrados entre a Petrobras e a Schahin, plataforma petrolífera entretanto falida, avaliados em 15 mil milhões de dólares. Os bancos recebiam em contas "offshore" dinheiro obtido com fraudes em concursos públicos ou com evasão fiscal.

Apesar das suspeitas, são poucos os bancos a sofrer consequências – neste caso, não houve acusações. Segundo publicou a Vaza Jato na semana passada, a investigação preferiu chegar a acordos. É isso que consta de um documento com metas para a Lava Jato, enviado num "chat" entre procuradores em 2016. "Acordos a título de indemnização por lavagem de dinheiro e falhas de 'compliance'" é o objetivo quanto aos bancos. O Ministério Público brasileiro não negou esta estratégia, mas defende que os acordos "são celebrados depois de muito esforço investigativo".

Já os pequenos bancos servem de exemplo para pressionar os restantes a aceitar os

13

BANCOS

Em 2016, a Lava Jato investigou um grupo de 13 bancos suspeitos de lavagem de dinheiro. Nenhum foi acusado.

acordos. "Chutaremos a porta de um banco menor, com fraudes escancaradas, enquanto estamos com rodada de negociações com bancos maiores. A mensagem será passada!", terá escrito o procurador Roberson Pozzobon, em mensagem enviada em fevereiro, três meses antes de terem sido presos três executivos do Banco Paulista, acusados de lavagem de dinheiro e gestão fraudulenta para beneficiar a Odebrecht.

No dia em que saiu esta reportagem, o banco de investimento BTG Pactual e o seu ex-presidente André Esteves foram alvo de buscas, por suspeitas quanto à venda de ativos da Petrobras ao BTG em África.

Em resposta ao El País, o Ministério Público garante que as buscas já estavam planeadas e salientou que já foram adotadas "diversas medidas de persecução criminal em face de integrantes de instituições financeiras", dando o Banco Paulista e o BTG como exemplos. ■ RBR